

ANTÔNIO PATRÍCIO * OBRAS COMPLETAS

D. JOÃO E A MASCARA

UMA FÁBULA TRÁGICA

1972

LIVRARIA SAM CARLOS
LISBOA

ANTÔNIO PATRÍCIO * OBRAS COMPLETAS



D. JOÃO E A MASCARA

UMA FÁBULA TRÁGICA



1972
LIVRARIA SAM CARLOS
LISBOA

FABULÆ PERSONÆ:

D. João
A Morte
Leporello
O Conviva de Pedra
D. Elvira
Helena Coeli
A Criatura (Isabel)
O Duque de Silvaes
A Marquesa de Aldovan
Carlos de Aldovan
Octávio, noivo de D. Ana
D. Ana, filha do Comendador
O irmão de D. Elvira
O Abade do Convento de La Caridad, etc.

Em Sevilha

ACTO PRIMEIRO

O palácio de D. João. Sala da ceia na desordem febril dum fim de baile. O tecto em caixões, artesoado: tapeçarias de caça nas paredes. À direita e à esquerda, portas interiores. Nos bufetes, um caos de cristais e argentarias. Vinhos raros opalescem, irisam-se de reflexos como jóias, em vidros de caule alto, veinulados. Ao centro, no lustre de Veneza, já poucas velas ardem. Os candelabros dos bufetes consumiram-se entre pétalas de rosas.

Húmida, a manhã de outono vai descerrando devagar as pálpebras. Duas janelas, ao fundo, deixam ver folhagens ruivas: ao meio, alguns degraus descem à alameda senhorial, beijada de outono, prolongando-se até à porta chapeada de ferro, solene e alta, armoriada.

Nos intervalos dos troncos, há trechos de jardim adormecido, um jardim andaluz de arquitectura verde.

Perto da entrada, ao fundo, conversam
Leporello e D. Elvira.

LEPORELLO, baixo

Tende paciência. Ficais ainda algum tempo no jardim. Vou sondá-lo primeiro.

D. ELVIRA

Onde quereis que me esconda?

LEPORELLO

Muito perto daqui. (*Apontando*) Atrás da estufa. Já todos se deitaram nesta casa. Há quase uma hora que acabou o baile. (*Olha à direita. Escuta*) Ainda lá está. Ficou só no salão, mas vem já aí. (*Empurrando-a levemente*) Quis que eu abrisse todas as janelas. «Antes o cheiro a névoa que o da carne». Foi assim que me disse. (*Ri*) Fez-me rir. Não quer o cheiro a carne esta manhã.

D. ELVIRA

Logo que eu possa entrar, vindes chamar-me.

LEPORELLO

Ficai certa. A noiva do meu amo ordena sempre...

D. ELVIRA

Não me esqueço de vós.

LEPORELLO

Vou farejar-lhe o humor. É um catavento. (*Como se ouvisse passos*) Ide. É ele...

D. Elvira sai. Desce os degraus, desaparece à esquerda. Instantes depois, D. João entra. É alto e magro, musculado, um animal de sedução e presa. Nos gestos, no andar, em todo o corpo, qualquer coisa de felino, de onduloso. A cabeça, de tinta aciganada, tem insolência cínica e fadiga, uma tensão de vida tão aguda, que é quase dolorosa, inquietante. No impudor da boca, do olhar, uma mobilidade que perturba, por excesso de expressão, de intensidade. Traz um gibão de púrpura, golpeado, espada damasquinada,

ANTÓNIO PATRÍCIO * OBRAS COMPLETAS

muito longa, e na mão direita, com anéis,
uma máscara breve de veludo.

D. JOÃO, com um bocejo, lento
Que te pareceu, Leporello? Mente um pouco.

LEPORELLO

Magnífico, meu senhor. Um grande baile. Como
só vós...

D. JOÃO, interrompendo

Uma mascarada de outono, é o que foi. Parecia
que se dançava em folhas secas. (*Apontando o bu-
fete*) Xerez.

LEPORELLO, servindo-o

Há uma friagem, meu senhor. Está frio. Cho-
veu de noite. Fecho?

D. JOÃO

Deixa ficar assim. Ar. Quero ar. (*Depois de
beber*) Faz-me bem a humidade. (*Espreguiçando-se*)
Cheira a terra.

LEPORELLO

Descansar, é o que é preciso. Temos tempo de
cheirar a terra. Temos tempo demais.

D. JOÃO

Não sinto sombra de fadiga. Tenho tédio. Faz-me
bem a madrugada húmida. Deitaram-se todos, como
eu disse?

LEPORELLO

Só se houver, escondida, alguma máscara. O
resto, tudo dorme. As paredes estão em pé só de
vos verem.

ANTÓNIO PATRÍCIO * OBRAS COMPLETAS

D. JOÃO, deitando ao chão a máscara
Uma máscara escondida, dizes tu...

LEPORELLO

Quem sabe, meu senhor, quem sabe...

D. JOÃO

Há sempre alguém escondido nesta casa. E és tu que lucras, Leporello. São os teus honorários. Também, há algum tempo, são os únicos.

LEPORELLO

Se há alguém escondido, é alguém que vos quer. E bem sabeis que tendes inimigos. E poderosos, meu senhor, e ricos...

D. JOÃO

Não me vendeste ainda. Graças, graças. Hás-de ficar no pedestal da minha estátua. E por estátua... A do Comendador, já foste vê-la?

LEPORELLO

Sevilha toda tem ido admirá-la ao cemitério. (*Mais baixo*) Só nós não vamos...

D. JOÃO

Porquê? No te interessa a estatuária...

LEPORELLO

Porquê!?!... Ora porquê... Não fui eu que o matei, mas mesmo assim não me apetece nada visitá-lo.

D. JOÃO

É uma questão de etiqueta. Temos de ir.

ANTÔNIO PATRÍCIO * OBRAS COMPLETAS

LEPORELLO

Eu não. De tantos duelos que o meu amo teve, nenhum me fez medo como aquele. Muitas noites, ao deitar-me, vejo-o. Na areia do jardim, ao cair morto, já parecia de mármore...

D. JOÃO

Razão de mais. Temos de ir visitá-lo um destes dias.

LEPORELLO

Ontem de tarde vi a filha e o noivo. Passaram em frente do palácio, sem olhar. Sevilha toda sabe o que juraram.

D. JOÃO, sorvendo um gole, lento

Que juraram então D. Ana e Octávio.

LEPORELLO

Andar de luto rigoroso sempre, viver para a vingança noite e dia; e quando eu não tiver amo, então, — as bodas...

D. JOÃO

Por isso os convidei. Mas só dancei com ela duas vezes.

LEPORELLO

O quê, meu senhor!... Estiveram cá?

D. JOÃO

Foram dos últimos a partir. *(Com um riso seco)*
Já vês que me não querem mal...

LEPORELLO

Cuidado, meu senhor. É perigoso jogar com o destino.

ANTÓNIO PATRÍCIO * OBRAS COMPLETAS

D. JOÃO, tocando a espada levemente

Tenho sempre razão... É fatigante. — A máscara escondida? Quem é ela?...

LEPORELLO

Não podeis adivinhar?

D. JOÃO

Tudo previsto, Leporello. É a que eu posso adivinhar? Onde a meteste?...

LEPORELLO

Ao ar livre, meu senhor. Atrás da estufa. Um sinal meu e vem.

D. JOÃO

Faze o sinal, faze o sinal depressa. Não vá enrouquecer antes da cena.

Leporello sai. Está na alameda. Acena duas vezes para a esquerda. Instantes depois, D. Elvira aparece. Entram na sala.

D. JOÃO, indo-lhe ao encontro, cerimonioso e irónico

Só agora soube... Perdoai. (*Beijando-lhe a mão*) Bem-vinda a qualquer hora, a qualquer hora...

D. ELVIRA

Bem sei, bem sei que não são horas. Foi mais forte do que eu. Tive de vir.

D. JOÃO

Bem-vinda sempre. Não há protocolo para vós. Um privilégio que só tem a Morte...

ANTÓNIO PATRÍCIO * OBRAS COMPLETAS

D. ELVIRA

Se continuais nesse tom, não digo nada.

D. JOAO

Ides dizer. Tenho a certeza. — O que vos traz assim, de madrugada, pisando a lama com chapins de seda, no meu jardim de arquitectura verde?...

D. ELVIRA

O risco que correis. Tremo por vós. Não posso respirar. Quero-vos... quero-vos...

D. JOAO

Já não consegue distrair-me o risco. Creio que estou enfermo...

D. ELVIRA

Enlouqueceis. Dar um baile de máscaras no Outono... É um capricho de louco.

D. JOAO

E aborreci-me, aborreci-me, aborreci-me. Havia teias de aranha na minha alma. De começo pensei: vou divertir-me. Esta ideia de ter em minha casa, ter num baile de máscaras, convidados, — convidados por mim galantemente — a fina flor dos inimigos íntimos, e irreconhecíveis, disfarçados, enquanto eu só trazia meia máscara, pareceu-me sabrosa, fascinante. Qualquer coisa ia nascer dali. Afiava os meus nervos com requinte. E afinal — imenso tédio, tédio. Parecia que se dançava em folhas secas. Nem, por esmola, um instantinho de terror, um só.

ANTÓNIO PATRÍCIO * OBRAS COMPLETAS

D. ELVIRA

Não podeis continuar assim. Quem sabe onde vos leva essa vertigem. É forçoso mudar.

D. JOÃO, depois de um silêncio

É bem preciso. Qualquer coisa de novo... qualquer coisa. Qualquer coisa ou Alguém... Não posso mais.

D. ELVIRA

Sei que querem comprar a vossa gente. A não ser Leporello...

D. JOÃO

Resta-me Leporello. É a lealdade. Creio que dorme. Adormeceu em pé...

D. ELVIRA

Se eu pudesse por vós alguma coisa... Faria tudo, tudo. Deus bem sabe.

D. JOÃO, numa galantaria involuntária

Bem sabeis que podeis. Só vós, só vós. Quando vos soube no jardim, o que eu senti!... Quis chamar-vos logo. Recordei-me... (*Tocando-a*) Não tendes frio? Quereis beber um pouco?...

D. ELVIRA

Estou sempre bem ao pé de ti. Bem sabes.

D. JOÃO

Tens lama nos chapins. Pobres pés frios... As minhas mãos já foram dignas de calçá-los...

D. ELVIRA

A tua voz aquece-mos: verás...

ANTÔNIO PATRÍCIO * OBRAS COMPLETAS

D. JOÃO, mirando-a toda

Os meus olhos não se cansam de beber-te. És um cordial para mim a tua graça. E quando penso como tu vieste, que andaste a pisar lama e folhas secas, sob as ogivas verdes, fria, fria... Queria anichar-te toda na minha alma, ter-te em mim como num berço, toda...

D. ELVIRA

Se eles soubessem como tu és bom, os que te querem mal...

D. JOÃO

Queria sê-lo por ti, e hei-de sê-lo. Vai ser o meu convento o teu amor. Dás-me os teus olhos como Livro de Horas...

D. ELVIRA

É a ti que vais rezar. Estás sempre neles.

D. JOÃO

Quero esconder-me em ti. Nada me importa. Dás febre e apaziguas. Ninguém mais. Beijar-te, meu amor, quero beijar-te: beijar com devoção os teus pés frios... Quero beijar-te os pés, mas sempre, sempre; até ser digno de beijar-te os seios, de os beijar outra vez... Lembras-te?... Lembras-te?...

D. ELVIRA

Lembram-se sempre... Pensam sempre em ti...

LEPORELLO

Só os teus seios? Só?... — Quero-te toda. E são só eles a lembrar-me em ti... E há mundos em ti que me esqueceram... Não te quero assim, já não te